



FACULDADE ANHANGUERA DE SANTA BÁRBARA

Rua Juscelino Kubitschek de Oliveira, 1450 - Distrito Industrial II - Santa Bárbara D'Oeste/SP

CEP: 13457-190 - (19) 3463-8456

www.unianhanguera.edu.br

0800 941 4444

LETÍCIA VALEZIN SILVA PECORARI

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

SANTA BÁRBARA D'OESTE
2019

LETÍCIA VALEZIN SILVA PECORARI

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
à Instituição Anhanguera de Santa Bárbara
d'Oeste, como requisito parcial para a obtenção
do título de graduado em Pedagogia.

Orientadora: Mariana Cardoso

LETÍCIA VALEZIN SILVA PECORARI

**A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL
PARA O DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Instituição Anhanguera de Santa Bárbara d'Oeste, como requisito parcial para a obtenção do título de graduado em Pedagogia.

Orientadora: Mariana Cardoso

BANCA EXAMINADORA

Sandra Márcia Fernandes. Coordenadora Pedagógica e EAD Anhanguera Santa Bárbara

Maria Isabel Baptista Barbosa de Oliveira.
Mestre em Educação

Rodrigo Barbosa Schiavinato. Doutor em História

Santa Bárbara d'Oeste, 24 de outubro de 2019

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por me capacitar, e a minha família, por todo apoio.

Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades, lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível.

Charles Chaplin

PECORARI, Letícia Valezin Silva. **A importância da leitura na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança.** 2019. 29 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Anhanguera Educacional, Santa Bárbara d'Oeste, 2019.

RESUMO

Esse trabalho procura compreender a importância da leitura na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança, através de leitura de mundo e literaturas infantis, auxiliando no processo de ensino-aprendizagem. Considerando que atualmente as práticas pedagógicas necessitam ser atrativas para envolver os alunos de forma significativa, o universo literário infantil proporciona momentos prazerosos e lúdicos para as crianças, abrindo caminhos para imaginação, provocando curiosidades e interesses. Nessa perspectiva, o presente trabalho tem como objetivo apontar a importância da leitura na educação infantil para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança. Desta forma, o tipo da pesquisa realizada foi qualitativa, tendo por base a pesquisa bibliográfica, sendo estes os meios pelos quais foram obtidos a fundamentação teórica, tendo como os principais autores utilizados, tais como: Paulo Freire (1984), Vigotski (2007), Piaget (1961), Ana Teberosky (2003), Regina Zilberman (2002) e Fanny Abramovich (1993), dentre outros. Através dessa pesquisa, podemos compreender o papel que a leitura tem já no início da vida de uma criança, proporcionando a ela o poder de expressar sentimentos, obter conhecimentos e desenvolver seu cognitivo de forma significativa.

Palavras-chave: Literatura infantil; Educação infantil; Leitura; Mediação pedagógica; Práticas pedagógicas.

PECORARI, Letícia Valezin Silva. **A importância da leitura na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança.** 2019. 29 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Anhanguera Educacional, Santa Bárbara d'Oeste, 2019.

ABSTRACT

This paper seeks to understand the importance of reading in early childhood education for the development of children, through world reading and children's literature, helping in the teaching-learning process. Considering that pedagogical practices nowadays need to be attractive to engage students in a meaningful way, the children's literary universe provides pleasurable and playful moments for children, opening the way for imagination, provoking curiosities and interests. From this perspective, this paper aims to point out the importance of reading in early childhood education for the social, emotional and cognitive development of children. Thus, the type of research was qualitative, based on bibliographic research, which are the means by which the theoretical foundation was obtained; having as the main authors used, such as: Paulo Freire (1984), Vigotski (2007), Piaget (1961), Ana Teberosky (2003), Regina Zilberman (2002) and Fanny Abramovich (1993), among others. Through this research, we can understand the role that reading has early in a child's life, giving them the power to express feelings, gain knowledge and develop their cognitive significantly.

Key-words: Children's literature; Child education; Reading; Pedagogical mediation; Pedagogical practices.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

DCN	Diretrizes Curriculares Nacionais
LDB	Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
RCNEI	Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. A LITERATURA INFANTIL PELA HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA COMO PRÁTICA SOCIAL	12
3. A LITERATURA INFANTIL E OS ESTÁGIOS PSICOLÓGICOS DA CRIANÇA... ..	17
4. O TEXTO LITERÁRIO COMO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DOCENTE.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS.....	27

1. INTRODUÇÃO

Desde os primeiros anos da criança a literatura se faz presente, seja por meio de uma história contada, por cantigas ou brincadeiras. É fundamental e necessário que a criança vivencie momentos em contato com esse novo mundo que se abre para ela, pois estimula sua imaginação e a faz pensar em novas possibilidades que antes eram desconhecidas para as mesmas.

A importância da leitura na educação infantil para o desenvolvimento da criança é um tema que vem sendo muito pesquisado nos últimos tempos. Sendo uma prática defendida por vários estudiosos como fundamental, a leitura propicia a formação de cidadãos críticos, reflexivos e autônomos, começando já na educação infantil.

O presente trabalho apresenta um breve estudo sobre como a leitura para a educação infantil tem contribuído para um melhor desenvolvimento das crianças de 0 a 6 anos, tendo como referência o educador brasileiro Paulo Freire (1984) e autores como Ana Teberosky (2003), Regina Zilberman (2002) e Fanny Abramovich (1993), dentre outros.

Visando apresentar o ganho que a leitura traz para o desenvolvimento infantil, esse estudo nos faz refletir sobre as diferentes formas de apresentar esse mundo para as crianças, sobre o quanto é importante criar esse hábito desde cedo e quais os benefícios que se pode obter através dessa prática, permitindo a construção de novos caminhos para a educação.

O campo educacional vem se preocupando cada vez mais em formar cidadãos críticos, capazes de ler, interpretar e se expressar perante a sociedade, uma vez que a comunicação social é fundamental. Diante dessas circunstâncias devemos refletir: Quais as contribuições da leitura no processo do desenvolvimento da aprendizagem das crianças na Educação Infantil?

Esse trabalho procura pesquisar o questionamento acima, abordando quais as contribuições da leitura no desenvolvimento infantil. Para isso os objetivos são: contextualização dos conceitos sobre a leitura na Educação Infantil relacionados a contar histórias e a leitura como prática social; fundamentar os conceitos de Texto Literário dentro do processo de desenvolvimento cognitivo e de representação

infantil; explorar a relevância do Texto Literário na formação docente, como mediador para o desenvolvimento cognitivo da criança na Educação Infantil.

O estudo dividiu-se em três capítulos, com a intenção de compreender a importância da leitura na Educação Infantil para o desenvolvimento social, emocional e cognitivo da criança, sendo o primeiro capítulo perpassado por aprofundamentos dos conceitos ligados a literatura na Educação Infantil, focalizando na questão de contar histórias e na prática da leitura como uma ação social, o segundo capítulo a fundamentação dos conceitos sobre o Texto Literário na Educação Infantil, onde buscou-se compreender o processo do desenvolvimento cognitivo e de representação infantil de acordo com Piaget, e o terceiro e último capítulo, salienta a relevância do Texto Literário na formação docente como mediador para o desenvolvimento intelectual da criança na Educação Infantil.

A metodologia utilizada no trabalho será uma revisão bibliográfica com o intuito de levantar dados de estudos do campo educacional para fundamentar as questões levantadas acerca do tema “A importância da leitura na Educação Infantil para o desenvolvimento da criança”. Essa metodologia permite reunir diversos estudos e conhecimentos sobre o tema, buscando responder a problemática em questão. Como afirma Gil (2002, p.45) “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Essa pesquisa se caracteriza como qualitativa e descritiva, na qual serão utilizadas obras de autores renomados como Piaget (1968, 1975 e 1991), Paulo Freire (1984), Ana Teberosky (2003), Regina Zilberman e Marisa Lajolo (2002), dentre outros, embasando os pontos que tratam do tema, sendo alguns livros mais antigos e outros de publicação mais atual. Além das obras, serão realizadas pesquisas em sites como Scielo e Google Acadêmico, nas quais serão utilizados artigos científicos publicados nos últimos dez anos para fomentar o presente trabalho.

2. A LITERATURA INFANTIL PELA HISTÓRIA E SUA IMPORTÂNCIA COMO PRÁTICA SOCIAL

A concepção de Infância que atualmente conhecemos é muito diferente da realidade vivida há séculos atrás. Segundo Ariès (1986), durante muito tempo na Idade Média, a criança foi tratada como um adulto em miniatura, incapaz de encaixar-se no meio social, por sua imaturidade, inexperiência e dependência, não sendo vista como um ser ativo da sociedade. Assim sendo, tampouco havia preocupações com seus estudos e seu desenvolvimento, e os laços afetivos e a comunicação entre a criança e a família ficavam distantes.

No princípio do século XVII, não existindo a diferenciação entre o que é ser criança e o que é ser o adulto, os ensinamentos baseavam-se nas tarefas diárias e no aprendizado de um trabalho, pois a grande relevância da época era a formação de seres responsáveis e capazes de servir a sociedade através do emprego. “A criança era portanto diferente do homem, mas apenas no tamanho e na força, enquanto as outras características permaneciam iguais” (ARIÈS, 1986, p.14).

Não existiam escolas físicas, e os educadores da época ministravam seus conhecimentos em locais públicos, onde todos tinham acesso, como praças, igrejas, mercados, ruas, etc. Contudo, o que era ensinado não se prendia a ser conteúdo próprio para determinada idade, já que não eram formados grupos divididos por faixa etária, e sim conteúdos ministrados para quem quisesse ouvir.

Mas no decorrer desse mesmo século começaram haver mudanças, como o surgimento da escola e a divisão por seriação, para serem ensinados conteúdos condizentes com a idade das crianças. Entretanto, embora houvesse essa separação entre crianças e adultos, o entendimento de infância ainda não era compreendido.

Foi a partir do século XVIII, com a ascensão da burguesia e a Revolução Industrial, que esse cenário de fato mudou, sendo necessária a criação de mais escolas, passando a ter investimentos na educação, e a ter a compreensão de infância, onde se começou a ter a concepção de que a criança é um ser frágil que exige atenção, levando em consideração seu lado moral e social.

Em contrapartida, a Literatura Infantil já existia antes mesmo desse novo cenário, porém sem ter essa nomenclatura e sem ser uma exclusividade infantil. Assim como o processo de reconhecimento da infância, a Literatura Infantil teve seu

próprio processo de desenvolvimento e aos poucos foi sendo inserida no universo da criança. Iniciou-se primeiramente na Europa, em meados do século XVII, através do autor Charles Perrault, com seus textos clássicos de contos de fadas, e posteriormente, por volta do século XVIII, foram introduzidas no mundo da criança. “Naturalmente, o consagrado escritor francês não poderia prever, em sua época que tais histórias, por sua natureza e estrutura, viessem constituir um novo estilo dentro da Literatura, e elegê-lo o criador da Literatura da Criança” (CARVALHO, 1982, p.77).

Nesse período da história, a Literatura tinha um impacto econômico, pois era tida como mercadoria principalmente para os aristocráticos. E no decorrer do tempo, com a modernização da sociedade, se ampliou a produção de livros. Logo, a escola se tornou a principal responsável em fazer com que seus alunos dominassem a língua escrita, para então poderem adquirir livros, e assim elevar o consumo da população. Lajolo & Zilberman (2002, p. 25) afirmam: “[...] a escola passa a habilitar as crianças para o consumo das obras impressas, servindo como intermediária entre a criança e a sociedade de consumo”.

Já no Brasil, ela chegou no final do século XIX, decorrente do aceleração da urbanização, onde, de acordo com Lajolo e Zilberman (2004, p. 28), a obtenção de conhecimento passa a ser significativa para o novo modelo social, principalmente dentro do ambiente escolar, onde se concentrava a população elitista.

Mas, qual o verdadeiro objetivo da Literatura Infantil dentro da sociedade? É transmitir apenas prazer, ou trazer conhecimento à criança? Acerca deste questionamento, Coelho diz:

A pressão do processo social/cultural/político, hoje em plena expansão (principalmente em nosso continente sul-americano), atua sobre a criação, quanto ao aspecto ideológico, e não só altera a matéria literária (em estrutura/forma/linguagem/gênero...), como transforma a possível função do produto literário. Para além do prazer/emoção estéticos, a literatura contemporânea visa alertar ou transformar a consciência crítica de seu leitor/receptor. Na verdade, desde as origens, a literatura aparece ligada a essa função essencial: atuar sobre as mentes, nas quais se decidem as vontades ou as ações; e sobre os espíritos, nos quais se expandem as emoções, paixões, desejos, sentimentos de toda ordem... No encontro com a literatura (ou com a arte em geral), os homens têm a oportunidade de ampliar, transformar ou enriquecer sua própria experiência de vida, em um grau de intensidade não igualada por nenhuma outra atividade. E quanto a Literatura Infantil? Em

essência, sua natureza é a mesma da que se destina aos adultos. As diferenças que a singularizam são determinadas pela natureza do seu leitor/receptor: a criança (COELHO, 2000, p.29).

Com um intuito ético-didático, as histórias da Literatura Infantil procuravam sempre passar uma mensagem de moralidade, obediência, através de personagens que eram punidos se fizessem algo errado, ou recompensados se fizessem o que era adequado. A literatura intencional propunha às crianças as ações que, perante os olhos da igreja, do governo, ou dos senhores, era o correto a ser feito. Assim, sua finalidade era moldar a criança para o que a sociedade impunha ser o modo certo de vida.

[...] a literatura foi usada, desde as origens, como instrumento de transmissão de valores. Tendo em vista as peculiaridades da mente popular (rudimentar) e da infantil (imatura), compreende-se que a linguagem poética (ou literária em geral) tivesse sido utilizada, desde os primórdios (através dos rituais, por exemplo), para transmitir padrões de pensamento ou de conduta às diferentes comunidades (COELHO, 2000, p.43).

Na década de 70, a Literatura Infantil passou a ter uma nova dimensão, deixando de lado um pouco da parte moralista, que era pautada numa centralização de poder, e passou então a preocupar-se com o desenvolvimento emocional, social e cognitivo da criança. Desde então, passou a ter ampla valorização dos outros campos da vida, como o cotidiano, a família, a escola, a natureza, as brincadeiras, a diversidade cultural, dentre outros. E foi, principalmente, através das obras de Monteiro Lobato que se modificou no Brasil.

Atualmente, com a vasta dimensão que se tornou a Literatura Infantil, é um instrumento essencial para se trabalhar com as crianças. Incentivar e despertar o conhecimento de mundo no aluno abre as portas para que ele queira buscar sempre mais, em caráter exploratório, essa visão. Cria também possibilidades de melhor interação, comunicação e outras áreas de seu desenvolvimento, facilitando sua participação nas práticas sociais.

Acerca do termo leitura, Martins (2006) diz que é uma experiência individual e pode ser caracterizada como sendo a decodificação de signos linguísticos, no qual o leitor decifra sinais, e também um processo mais amplo, em que o leitor dá sentido a esses sinais, ou seja, a interpretação e compreensão.

O trabalho com a leitura tem como finalidade a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de escritores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem origem na prática de leitura, espaço de construção da intertextualidade e a fonte de referências modelizadoras (BRASIL, 1997, p.53).

A criança já tem contato com o mundo da leitura antes mesmo de ser alfabetizada. E quanto mais cedo entrar em contato com o mundo da leitura, maior será a chance de se tornar um adulto-leitor, tendo maior capacidade de formar um senso crítico e reflexivo.

O primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da voz da mãe, do pai ou dos avós, contando contos de fada, trechos da Bíblia, histórias inventadas (tendo a criança ou os pais como personagens), livros atuais e curtinhos, poemas sonoros e outros mais (ABRAMOVICH, 1993, p.16).

Para Paulo Freire (1984) é através do hábito da leitura que podemos obter conhecimento de mundo, onde linguagem e realidade se interligam. O autor sustenta que a leitura:

[...] não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo. A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele (FREIRE, 1984, p.11).

Nessa mesma perspectiva, Abramovich (1993, p.14) afirma que ler “sempre significou abrir todas as comportas para entender o mundo através dos olhos dos autores e da vivência das personagens”.

Aprender a ler é mais do que simplesmente decodificar palavras. Introduzir a criança no mundo da leitura é um processo que exige dedicação dos educadores e da família. Segundo Nunes *et al.* (2012) “é preciso entender que gostar de ler não é um dom, mas um hábito que se adquire... Investir em pequenos leitores é uma das muitas maneiras de semear futuros leitores assíduos”.

A educação é um direito de todos, e ler faz parte desse processo. Cumprindo as determinações da Lei de Diretrizes e Base da Educação Nacional (LDB), lei 9.394/96, que estabelece a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, o Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil (RCNEI) declara: “A

aprendizagem da linguagem oral e escrita é um dos elementos para as crianças ampliarem suas possibilidades de inserção, e, de participação nas diversas práticas sociais” (BRASIL, 1998, p.117).

Para enfatizar a importância da leitura para a formação de seres autônomos, críticos-reflexivos, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) diz:

Um leitor competente é alguém que, por iniciativa própria, é capaz de selecionar, dentre os trechos que circulam socialmente, aqueles que podem atender a uma necessidade sua. Que consegue utilizar estratégias de leitura adequada para abordá-los de formas a atender a essa necessidade (BRASIL, 1997, p.54).

A Literatura Infantil é um instrumento crucial para o ensino-aprendizagem da leitura, favorecendo o conhecimento, a interação, a obtenção de informações, dentre várias outras desenvolvimentos que a criança possa desenvolver desde os anos iniciais, conforme veremos a seguir perante os estudos de Jean Piaget e Nelly Novaes Coelho, sobre os estágios psicológicos da criança. E além do desenvolvimento cognitivo, há o prazer que se obtém quando se está lendo ou apenas ouvindo uma história.

3. A LITERATURA INFANTIL E OS ESTÁGIOS PSICOLÓGICOS DA CRIANÇA

Os textos literários quando trabalhados na Educação Infantil, permitem a criança desenvolver o cognitivo e o afetivo, visto que através deles há a oportunidade de ter novas experiências, obter conhecimento de si e do mundo que o cerca, instigando a exploração e a curiosidade, e desenvolvendo o senso crítico e reflexivo da criança.

Ao ler uma história a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar... Pode se sentir inquieta, cutucada, querendo saber mais e melhor ou percebendo que se pode mudar de opinião (ABRAMOVICH, 1993, p.143).

Nessa etapa, a Literatura Infantil não vem com o intuito primordial de alfabetização. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para a Educação Infantil (2010, p.18), as práticas pedagógicas propostas “deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens”, possibilitando, assim, experiências de narrativas, apreciação e interação com a linguagem oral e escrita.

A criança, no decorrer de seu desenvolvimento, passa por estágios psicológicos que devem ser levados em consideração para a seleção do material literário. Esses estágios, definidos por Piaget (1968) ao analisar seus próprios filhos, denominam-se de: sensório-motor, pré-operatório, operatório concreto e operatório formal. O mesmo ressalta que a inteligência passa por todos os estágios e que em cada um ela representa uma qualidade.

Os estágios que abrange a faixa etária da Educação Infantil são sensório-motor e pré-operatório. Para o autor, sensório-motor é o período que antecede a linguagem, ou seja, vai do nascimento até os dois anos de idade. No decorrer dessa fase ocorrem os primeiros hábitos motores, as primeiras percepções e os primeiros sentimentos diferenciados, podendo denominá-la de inteligência prática. Piaget (1991, p.22) salienta: “Afetividade e inteligência são, assim, indissociáveis e

constituem os dois aspectos complementares de toda conduta humana”. Enfatizando o estágio sensório-motor, ainda nas palavras do autor:

Pode-se chamar período “sensório-motor” porque, à falta de função simbólica, o bebê ainda não apresenta pensamento, nem afetividade ligada a representações que permitam evocar pessoas ou objetos na ausência deles. Apesar, porém, dessas lacunas, o desenvolvimento mental no decorrer dos dezoito primeiros meses da existência é particularmente rápido e importante, pois a criança elabora, nesse nível, o conjunto das subestruturas cognitivas, que servirão de ponto de partida para as suas construções perceptivas e intelectuais ulteriores, assim como certo número de reações afetivas elementares, que lhe determinarão, em parte, a afetividade subsequente (PIAGET, 1991, p.11).

Já o período pré-operatório, que ocorre dos dois aos sete anos de idade, é marcado pelo egocentrismo, e o comportamento da criança se modifica tanto no aspecto afetivo quanto intelectual, devido ao aparecimento da linguagem. Segundo Piaget (1991, p.23 e 24), “a criança torna-se, graças à linguagem, capaz de reconstruir suas ações passadas sob forma de narrativa, e de antecipar suas ações futuras pela representação verbal”. Decorrente desse processo há três consequências para o desenvolvimento mental conforme descreve o autor:

[...] uma possível troca entre os indivíduos, ou seja, o início da socialização da ação; uma interiorização da palavra, isto é, a aparição do pensamento propriamente dito, que tem como base a linguagem interior e o sistema de signos, e, finalmente, uma interiorização da ação como tal, que, puramente perceptiva e motora que era até então, pode daí em diante se reconstituir no plano intuitivo das imagens e das “experiências mentais”. Do ponto de vista afetivo, segue-se uma série de transformações paralelas, desenvolvimento de sentimentos interindividuais (simpatias e antipatias, respeito, etc.) e de uma afetividade interior organizando-se de maneira mais estável do que no curso dos primeiros estágios” (PIAGET, 1991, p.23 e 24).

Paralelo à teoria Piagetiana, relativo ao tema Literatura Infantil, está o estudo de Coelho (2000), abrangendo as fases do leitor de acordo com o estágio psicológico que a criança se encontra, nos quais se denominam: pré-leitor, leitor iniciante, leitor-em-processo, leitor fluente e leitor crítico.

Nessa perspectiva, a fase de pré-leitor entra em concordância com o estágio sensório-motor e pré-operatório de Piaget, na qual essa categoria abrange duas

fases: a primeira infância (dos 15/17 meses aos 3 anos) e a segunda infância (a partir dos 2/3 anos).

A fase pré-leitora da primeira infância é, nas palavras da autora, “momento em que a criança começa a *conquista da própria linguagem* e passa a *nomear as realidades* à sua volta” (COELHO, 2000, p.33, grifo do autor). Nessa etapa, a Literatura Infantil já deve ser introduzida na vida da criança, por intermédio do adulto, pois seu cognitivo está num desenvolvimento acelerado e começando o processo de assimilação.

O ideal nessa etapa é começar estimular a criança com gravuras, desenhos ou ilustrações de animais ou objetos que fazem parte do seu cotidiano, feito em material que a criança possa tatear.

O importante, nessa fase, é essencialmente a *atuação do adulto*, manipulando e *nomeando* os brinquedos ou desenhando; inventando situações bem simples que os relacionem afetivamente com a criança, etc. É nessa fase que o mundo natural e o mundo cultural (o da linguagem nomeadora) começam a se relacionar na percepção que a criança começa a ter do espaço global em que vive (COELHO, 2000, p.33, grifo do autor).

Sobre a fase pré-leitora da segunda infância, podemos associá-la ao período pré-operatório do desenvolvimento cognitivo infantil, na qual se inicia a fase egocêntrica e a criança começa a ter noção de si mesma. Nessa fase, de acordo com Coelho (2000, p.33, grifo do autor), “começam a predominar os *valores vitais* (saúde) e *sensoriais* (prazer ou carências físicas e afetivas)”, a criança começa a ter interesses ludopráticos e interesse pela comunicação verbal. Quanto à atuação do adulto, continua sendo fundamental para a orientação e mediação entre a criança e o livro. Para Coelho (2000, p.33): “Aprofunda-se a descoberta do mundo concreto e do mundo da linguagem através das atividades lúdicas. Tudo o que acontece ao redor da criança é, para ela, muito importante e significativo”.

O tipo de material ideal a ser inserido nessa etapa, segundo Coelho (2000, p.33) “devem propor vivências radicadas no cotidiano familiar à criança e apresentar determinadas características estilísticas”, como:

Predomínio absoluto da imagem (gravuras, ilustrações, desenhos, etc.), sem texto escrito ou com textos brevíssimos, que podem ser lidos ou dramatizados pelo adulto, a fim de que a

criança comece a perceber a inter-relação entre o mundo real que a cerca e o mundo da palavra que nomeia esse real. É a nomeação das coisas que leva a criança a um convívio inteligente, afetivo e profundo com a realidade circundante.

As imagens devem sugerir uma situação (um acontecimento, um fato, etc.) que seja significativa para a criança ou que lhe seja de alguma forma atraente. Desenhos ou pinturas, coloridas ou em preto-e-branco, em traços ou linhas nítidas, ou em massas de cor que sejam simples e de fácil comunicação visual. A técnica da colagem tem-se mostrado muito atraente para o olhar e o interesse infantil. A graça, o humor, um certo clima de expectativa ou mistério... são fatores essenciais nos livros para o pré-leitor. A técnica da repetição ou reiteração de elementos é das mais favoráveis para manter a atenção e o interesse desse difícil leitor a ser conquistado (COELHO, 2000, p.34, grifo do autor).

Abramovich (1993), nessa mesma perspectiva, salienta como essas características são importantes para desenvolver a imaginação da criança, pois são, segundo a autora, experiências de olhar, um olhar múltiplo, com possibilidade de enxergar o mundo e os personagens de modo diferente.

Piaget (1975) mostra em seus estudos realizados sobre os estágios do desenvolvimento cognitivo infantil que na fase sensório-motor à fase pré-operatória, a criança tem base para capacidade narrativa. Afirma também que as intervenções realizadas nesse período têm efeitos imediatos, preparando a criança para aprendizagens futuras.

No próximo capítulo, abordaremos a importância do Texto Literário na formação do educador como mediador para o desenvolvimento cognitivo da criança na Educação Infantil, sendo o professor o principal influenciador da prática leitora em sala de aula.

4. O TEXTO LITERÁRIO COMO MEDIADOR NA FORMAÇÃO DOCENTE

Sabemos que a Literatura Infantil está presente na vida da criança antes mesmo de seu nascimento, sendo a mãe contadora de histórias para os bebês ainda na barriga. E o ato de ler faz com que os horizontes se abram, tanto para uma criança quanto para o adulto. A criança que lê possivelmente será um adulto com postura questionadora e crítica. Através dela, qualquer pessoa pode obter conhecimento, ser bem informado sobre qualquer tema, se tornando mais politizada, capaz de exercer sua cidadania.

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] É nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (GROSSI, 2008, p.03)

Necessitamos reconhecer a importância que a linguagem, tanto oral como escrita, tem em nossas vidas. Elas estão presentes em todos os lugares e nos acompanham desde sempre para sempre, sendo primordial principalmente em questão de comunicação social. Conforme afirma Vigotski (2007, p. 18), “signos e palavras constituem para as crianças, primeiro e acima de tudo, um meio de contato social com outras pessoas”.

A fim de fundamentar a concepção de que o processo de aprendizagem necessita de incentivo, Vigotski (2007) defende a ideia de que a criança requer da mediação do adulto para assessorar essa aprendizagem, pois é por meio da interação social que essa se concretiza. Segundo o autor: “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (VIGOTSKI, 2007, p. 100).

Vivemos em uma sociedade onde o número de mulheres trabalhando fora de casa só cresce. Em consequência disso, o número de crianças entrando cada vez mais cedo em creches ou escolas também aumentam. Como passam mais tempo no

âmbito escolar, acaba-se criando laços afetivos entre educador e educando, sendo o professor o grande influenciador dos alunos.

A escola é capaz de propiciar um ambiente primoroso para a criança criar o hábito da leitura, proporcionando projetos de leitura associados à vida escolar e social do aluno. Dessa forma, se propõe a praticar o ato de ler, no qual, de acordo com a afirmação de Martins (2006, p.12): “[...] dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo”.

Na correria do dia a dia, essa prática acaba ficando em segundo plano se depender somente da família. Não se aplica a todas as famílias brasileiras, pois várias costumam manter esse hábito não somente às crianças, mas num todo. Porém, infelizmente, a maior parte deixa a leitura de lado.

Segundo a autora, “principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, e muitos têm talvez sua única oportunidade de contato com os livros, estes passam a ser identificados com os livros didáticos” (MARTINS, 2006, p.25).

Quando a criança entra para a Educação Infantil, cabe ao educador iniciar o incentivo à leitura ao aluno, e esse processo se torna mais fácil quando o próprio é um leitor ativo, pois saberá classificar e empregar diversos tipos de literatura para que comecem apreciar esse novo mundo que se abre para eles. Armelin e Godoy, afirmam em sua pesquisa:

O processo de formação do leitor é longo e ocorre pela mediação de leitores mais experientes e pela interação com diferentes suportes e gêneros discursivos. Muito antes de ser capaz de compreender o funcionamento do sistema alfabético, o sujeito imerso numa sociedade letrada busca entender o que significam os escritos presentes no mundo em que vive e pode entrar no mundo da escrita pela mão, pelo olhar e pela voz de outras pessoas (2011, p. 68).

Nesse contexto, o professor tem a capacidade de auxiliar o aluno a entrar em um campo por ele ainda desconhecido, fazendo-o desenvolver uma habilidade que ele não sabe que possui.

Sabemos que para formar leitores não basta colocar as pessoas em contato com materiais escritos, embora essa seja a primeira condição. É preciso incentivá-las a fazer descobertas e ajudá-las a realizar escolhas, a compreender textos mais complexos, a avançar

na formação do gosto – tarefas inerentes ao trabalho do mediador de leitura (ARMELIN; GODOY, 2011, p. 67).

São necessários certos apoios para que o professor possa trazer o hábito da leitura para dentro da sala de aula, tais como todas as matérias envolver a leitura em suas atividades, não somente nas aulas de português, e também a escola oferecer uma boa infraestrutura e obter livros condizentes com as idades dos alunos, que chame a atenção das crianças, despertando assim o interesse em pegar cada vez mais livros.

É preciso que o professor incentive a ida à biblioteca da escola, possibilitando as crianças de fazer empréstimos dos livros. Essa é uma área na qual precisa ser explorada, mostrando os inúmeros temas que podem ser descobertos. Segundo Freire (1984, p.22): “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”, ou seja, para que tal prática seja habituada, é preciso uma rotina com as crianças na qual envolva a ida à biblioteca.

Conforme destaca Carvalho:

A formação de leitores em grande escala, via escola, só ocorrerá se houver uma política de leitura, traduzida na adequada formação de professores-leitores, na oferta abundante de bons e variados materiais escritos, e na instalação de bibliotecas e salas de leitura bem equipadas, dinamizadas por bibliotecários. (2010, p. 67).

Outra sugestão é defendida pelos PCNs, acerca de cultivar o hábito da leitura para não somente durante a estada da criança na escola, mas educar de maneira que a criança queira ler também fora dela. Conforme aponta o documento:

O professor deve permitir que também os alunos escolham suas leituras. Fora da escola, os leitores escolhem o que lêem. É preciso trabalhar o componente livre da leitura, caso contrário, ao sair da escola, os livros ficarão para trás (BRASIL, 1997, p.17).

A mediação do professor em permitir o contato do aluno com diversos tipos de literatura, entre textos clássicos aos que abordem o cotidiano da criança, faz com que comecem a compreender o valor dos textos literários em suas formações, e compreender a leitura como prática social, identificando seu papel para assim

ampliarem seus conhecimentos e suas comunicações com o mundo. Nesse contexto:

A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. (MARTINS, 2006, p.34)

O papel de formar futuros leitores não está incumbido somente ao professor de língua portuguesa, e sim a todos que fazem parte da vida dessa criança, como a família, ainda que não sobre tanto tempo para tal prática. E aos educadores num todo, trabalhando de forma interdisciplinar.

Orientando, apoiando e incentivando os leitores em formação, o mediador poderá levá-los a ampliar seu repertório; a conhecer novos mundos, culturas e civilizações diferentes; poderá gerar condições favoráveis para que consigam articular informações e mostrar que ler e escrever, além de promover socialmente e dar acesso à cultura e ao conhecimento, permitem relacionar a vida de cada um com a realidade na qual se vive (ARMELIN; GODOY, 2011, p. 68).

O professor não deve se limitar somente às leituras do livro didático fornecido pela instituição, que são instrumentos que auxiliam no processo de ensino-aprendizagem, mas buscar conteúdos que agrade os alunos, sendo envolvidos pelo prazer de ler ou ouvir uma história, fazendo-os perceber que ler é mais que decodificar palavras, e que cada leitura nos traz um novo significado. Conforme afirma Lajolo (2002, p.15): “Ou um texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo se pode dizer sobre nossas aulas”.

Nessa perspectiva, a leitura não tem que vir como uma imposição ao aluno, de forma obrigatória, ela precisa ser trabalhada de forma gradual, ressaltando que deve conter elementos condizentes com o cotidiano da criança, que estimule a buscar por mais prazeres durante sua prática.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é, como observamos através desse trabalho, um dos meios mais importantes para o processo de ensino-aprendizagem em qualquer área de estudo, fazendo com que o aluno interiorize conhecimento. Introduzi-la no período da Educação Infantil é de extrema relevância, pois é o momento em que a criança está em processo de desenvolvimento acelerado, então apresentá-la a esse novo mundo e instigar a prática de ler faz com que futuramente ela venha a ser um cidadão autônomo, crítico e reflexivo, capaz de ler e interpretar as questões impostas a ela, favorecendo também seu vocabulário.

Os textos literários a serem trabalhados em sala de aula precisam ser previamente selecionados, condizentes com a idade do aluno, pois a criança passa por diversos estágios psicológicos durante seu desenvolvimento, nos quais podemos associar a fase leitora. Na Educação Infantil, que abrange o período sensório-motor e pré-operatório, a criança está na fase pré-leitora, momento significativo para inserir a leitura no mundo da criança, pois ali se começa a criar hábitos.

Cada criança tem sua particularidade e sua forma de vivência diversificada, das quais se forma a base para suas interpretações e significações. Essas estão diretamente relacionadas à práxis pedagógica que se dá entre docente-discente, pois é através da mediação que o professor conseguirá atrair o aluno ao mundo literário.

O papel do educador é de extrema importância nesse momento, pois ele tem a melhor condição de introduzir textos literários, livros, e outros tipos de leitura no cotidiano da criança, algo que atualmente, os pais acabam tendo menos tempo de fazê-lo. Quando o educador é um leitor ativo, se torna ainda mais fácil transmitir o prazer que é a execução da leitura para as crianças. A maneira que o educador mostra se relacionar com o livro em sala de aula influencia diretamente na maneira que o aluno irá se relacionar com o livro futuramente, pois o professor é a figura que tem maior representatividade dentro do ambiente escolar para a criança, sobretudo na Educação Infantil.

Porém, ao falarmos em inserir literatura infantil no cotidiano das crianças, não significa querer focar na quantidade de livros ou textos literários para elas, mas sim focar na qualidade de seu conteúdo, acima de tudo. Pois é a qualidade dos textos

literários que as farão terem novas experiências, novos conhecimentos, que vão muito além de simplesmente decodificar palavras, mas sim de interpretá-las.

Por fim, reconhecer e compreender a relevância de se começar a introduzir a leitura para as crianças, seja por intermédio do adulto ou por elas mesmas, através de textos literários, ilustrações, contações de histórias, etc, traz futuramente um ser autônomo, capaz de ler e interpretar o mundo e encontrar a si mesma.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. 3 ed. São Paulo: Scipione, 1993.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ARMELIN, M. Alice. M. de O.; GODOY, M. Cecília F. de. Cenpec. **Formação de mediadores de leitura: sistematização de duas experiências**. São Paulo: 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília - DF, 2010.

_____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil: conhecimento de mundo**. Volume 3. Brasília: MEC / SEF, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. Brasília, 1997.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos. **Literatura Infantil: visão histórica e crítica**. 2 ed. São Paulo: Ática, 1982.

CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura Infantil: teoria, análise, didática**. 7 ed. São Paulo: Moderna, 2000.

FERREIRO, Emília; PALACIO, Margarita Gomez. **Os processos de leitura e escrita: novas perspectivas**. 3 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

FERREIRO, Emília. et al. **A representação da linguagem e o processo de alfabetização**. México: Do Departamento de Pesquisas Educacionais, Centro de Pesquisas e de Estudos Avançados do Instituto Politécnico Nacional, 1985.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 6 ed. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1984 (Coleção Polêmicas do Tempo).

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade**. Nova Escola, nº18. São Paulo, abril de 2008.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2002.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: história e histórias**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2004.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura?** São Paulo: Brasiliense, 2006 (Coleção Primeiros Passos, 74).

NUNES, Izonete et al. **A importância do incentivo à leitura na visão dos professores da escola Walt Disney**. REFAF – Revista Eletrônica, 2012. Disponível em: <<http://faflor.com.br/revistas/refaf/index.php/refaf/article/view/53/pdf>>. Acesso em: 04 abr 2019.

PIAGET, Jean; INHELDER, B. **A psicologia da criança**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

PIAGET, J. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

_____. **Seis estudos de psicologia**. 18 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. **Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKI, L. S. (Lev Semenovich); COLE, Michael (Org). **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ZILBERMAN, Regina; LAJOLO, Marisa. **A formação da leitura no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Ática, 2002.